

O QUE DIZ CADA UM

Orestes Quércia

São Paulo — O governador eleito Orestes Quércia responsabilizou ontem os banqueiros internacionais e o governo autoritário pelos problemas



que o País enfrenta hoje com a dívida externa, ao defender as novas medidas econômicas do Governo José Sarney de pedir a moratória.

Depois de procurar conversar, por telefone, com o Presidente, na tarde de quinta-feira, e conseguir falar com ele somente à noite, Quércia não se considerava afastado do centro decisório do Palácio do Planalto. Para ele, o apoio dos governadores eleitos ao presidente Sarney, neste momento em que decide a suspensão do pagamento de juros, é de grande importância "porque não existe maior legitimidade do que essa".

Quércia justificou seu apoio às novas medidas econômicas, apesar de ser contra a moratória, salientando que "o Governo não está decretando uma moratória unilateral, definitiva. Isso porque ele acredita que o Governo pediria moratória apenas por 90 dias: "Essa é uma necessidade que o Brasil tem hoje".

Durante discurso a 300 prefeitos no 30º Congresso Paulista de Municípios, Quércia culpou os banqueiros internacionais pelos problemas dos países em desenvolvimento com a dívida externa.

Delfim Netto

O ex-ministro Delfim Netto, avaliando a fala do Presidente, começou dizendo que todos brasileiros devem louvar a intenção



anunciada por Sarney de fazer a menor dívida pública possível para tocar a máquina administrativa. O ex-ministro referia-se à segunda parte do discurso presidencial, a da contenção dos gastos públicos.

"Achei bom", disse Delfim, retificando em seguida: "Achei razoável".

Para Delfim, a fala representou "um avanço".

Ele explica: é a primeira vez que o Governo anuncia que vai dar a sua contribuição, dar a sua parte.

Segundo Delfim, o pronunciamento de Sarney foi um ato político.

"Na questão da suspensão do pagamento dos juros, o Presidente fez uma competente colocação política. Conseguiu uma proeza. Transformou uma realidade, a de que o País está quebrado, num ato de coragem.

Bresser Pereira

A suspensão do pagamento dos juros foi uma medida acertada, na opinião do secretário de Governo de São Paulo e economista

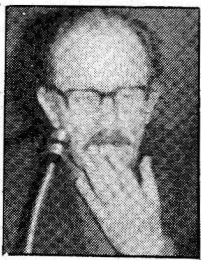


Luís Carlos Bresser Pereira. Segundo comentou depois do pronunciamento do Presidente, o Brasil precisava adotar uma posição afirmativa na negociação da dívida externa. "Estamos com problemas de redução de reservas, necessitamos de dinheiro novo para manter nosso desenvolvimento e, dada a pouca disposição dos credores de emprestar voluntariamente, a única saída era suspender os juros e negociar depois, já numa nova posição", sustentou.

Ele defende que o Brasil adote internamente uma política econômica austera. Bresser Pereira considerou que o presidente demonstrou que deseja alcançar um superávit comercial. "A suspensão do pagamento dos juros foi uma afirmação da soberania brasileira, mas a obtenção do superávit comercial elevado é condição para que a soberania se consolide", assinalou.

Paul Singer

O professor e economista Paul Singer, ligado ao PT, disse que o discurso de Sarney teve uma nota alegre: a revelação de que as re-



servas cambiais estão na casa dos 3,9 bilhões de dólares, quando havia uma série de informações de que esse número era muito mais baixo.

"Nessas condições, com reservas de quase 4 bilhões de dólares, o Governo terá algum respaldo para negociar a dívida", afirmou.

"Assim, o Governo parece ter agido no momento adequado", acrescentou.

Para o professor, a situação, no entanto, é preocupante. Tão preocupante que ele preferia um discurso mais alarmista, "para que a Nação se conscientizasse das dificuldades que teremos pela frente".

A decisão de suspender o pagamento dos juros não surpreendeu Singer: "Era inevitável, nós tínhamos um problema confessado na área cambial".

O que surpreendeu foi a ênfase dada à questão da redução do déficit público. "O Governo vinha escondendo a gravidade desse problema, havia dito que o déficit estava sob controle. Agora sabemos que não estava".